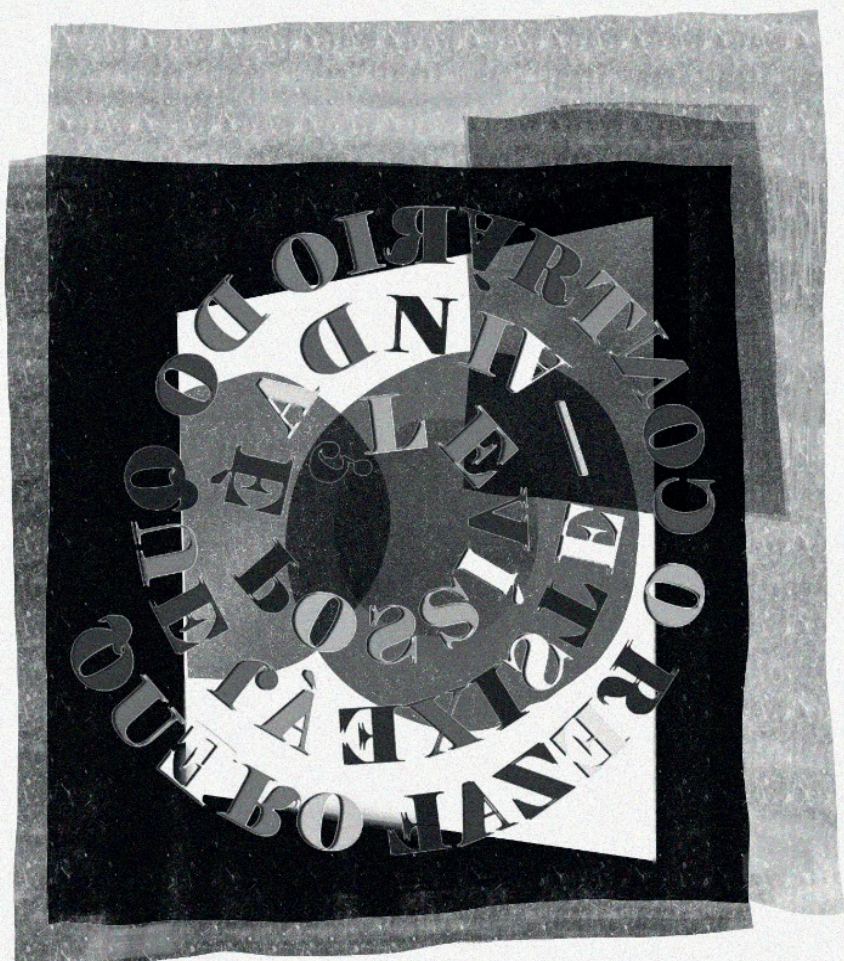


FOI O QUE SAIU!



FOI O QUE SAIU!

ORG.
Brendha T. Maia

FOI O QUE SAIU!

Autores:

Ana Luisa Silva Marques
Ana Julia da Silva Senario
André Luiz da Silva
Brendha Thatiane Maia
Brian Henrique Lourenco Ferraz
Camila Custodio Galbiatti
Cecília Maria de Oliveira
Evellyn Correia Valentim
Gabriela Pereira Jardim Santiago
Ianca Natacha
Igor Giugliano Esteves Rocha
João Malbec Franco Lacaz Ruiz
Júlia Aparecida Dias Ramos
Larissa Eduarda da Silva
Lavinia Ferreira Agripino
Leticia dos Santos Moya Leao
Lilian Oliveira
Livia Guedes Sales
Luanna Regina Alvarez Rodriguez Pereira
Maisanara Fonseca da Silva
Marília Ribeiro de Almeida
Mayara Ribeiro Borim
Stephani Piassa Prado
Vinícius de Souza Gonçalves

Copyright © 2024 by

**Ana luisa silva marques; Júlia Aparecida Dias Ramos; Ana Julia da Silva Senario;
Larissa Eduarda da Silva; André Luiz da Silva; Lavinia Ferreira Agripino; Brendha
Thatiane Maia; Leticia dos Santos Moya Leao; Brian Henrique Lourenco Ferraz;
Lilian Oliveira; Camila Custodio Galbiatti; Livia Guedes Sales; Cecília Maria de
Oliveira; Luanna Regina Alvarez Rodriguez Pereira; Evellyn Correia Valentim ;
Maisanara Fonseca da Silva; Gabriela Pereira Jardim Santiago; Marília Ribeiro
de Almeida; Ianca Natacha; Mayara Ribeiro Borim; Igor Giugliano Esteves
Rocha; Stephani Piassa Prado; João Malbec Franco Lacaz Ruiz; Vinícius de Souza
Gonçalves**

Professores

**Eloésio Paulo dos Reis
Marcos de Carvalho**

Ilustração da capa

João Malbec Franco Lacaz Ruiz

Ilustração contracapa

arte feita no canva

**A produção deste livro foi desenvolvida durante o segundo semestre de
2024, na disciplina Escrita Criativa, do curso de Letras da Universidade
Federal de Alfenas - UNIFAL-MG.**

**Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Alfenas-MG**

Súmario

Apresentação	Pág 9.
Prisão	Pág 11.
Estranhamente	Pág 12.
Gotas nas folhas	Pág 13.
Na embalagem	Pág 14.
Moça ofegante	Pág 15.
Morreu na estrada	Pág 16.
Dona Margarida	Pág 17.
Festa de Rico	Pág 18.
“Querida, cheguei!”	Pág 19.
Pecado feito	Pág 20.
Plantei Margaridas	Pág 21.
Jéssica, cheddar e Pepino: bastidores	Pág 22.
Contrário	Pág 23.
Não vou justificar	Pág 24.
Meu maior medo	Pág 25.
Lua com olhos	Pág 26.
No céu profundo	Pág 27.
O capim limão	Pág 28.
Respira lento	Pág 29.
Estrelas Brilham	Pág 30.
Maça vermelha	Pág 31.
Buquê de lírios	Pág 32.
Ás de copas	Pág 33.
O incêndio da biblioteca	Pág 34.
Identidades em trânsito	Pág 36.
Eterno ensaio do quase	Pág 38.
Refletir	Pág 39.
O acontecimento	Pág 40.
Sem Corpo, Sem Crime	Pág 41.
Tigre	Pág 44.
Killing me	Pág 45.
Fragmentos do Cotidiano	Pág 48.

Desapego _____	Pág 49.
A Cidade e a Solidão _____	Pág 50.
O Retorno ao Interior _____	Pág 51.
Penumbra _____	Pág 52.
A breve história de Antenor _____	Pág 53.
As lavadeiras _____	Pág 56.
TELEFONE _____	Pág 57.
O desaparecimento do dinheiro da dentadura nova da vovó _____	Pág 58.
Katie Mansfield, Morris Chestnut _____	Pág 60.
Conserva _____	Pág 62.

Existe isso?

O primeiro passo, permitir-se. Mas, e o segundo? Aí já não basta permitir-se, talvez o permitir-se demais se torne o grande problema. Quer dizer, seria assim como o passo do bêbado, o chouto de um cavalo manco? Ninguém sabe. Ou alguns sabem, mas ficam sabendo não se sabe como. Não existem nem podem existir regras. Bem, é melhor não ignorar as regras, porém elas ficam sendo insuficientes.

A escrita é uma eterna pergunta. O escritor (ou escrevinhador) precisa se indagar o tempo todo para onde vai, aonde pode chegar, como fazer e até que ponto o fazer. Tem que adotar um método, mas não vale o método alheio. Aliás, pode valer a princípio, que imitar os bons é um começo bastante pouco inseguro.

Aqui estão alguns jovens indagando, tateando seus caminhos pela escrita criativa. Que só pode começar na pura e simples escrita. Foram-lhes oferecidas algumas bússolas, instrumentos que orientam ou desorientam segundo o instinto que cada qual tenha para a os ocultos mapas da escrita alheia. Surpreendente como pegam o jeito e como são diversos os seus modos. Assim que é bom: ninguém é robô, as inteligências não são artificiais – apropriam-se inteligentemente das possibilidades do artifício.

A disciplina foi, muito mais, uma indisciplina. Experimentação a princípio guiada, mas por dois guias correndo atarantados para metas diferentes. Um mais interessado na economia do haikai, outro proseando meio pigarreante sobre modos de tentar as prosas, nem (por falta de tempo e modo) conseguindo chegar às mais tentadoras. No fim, aqui estão uns resultados da diversidade de rumos que a liberdade pode permitir.

É claro que da próxima vez vai ser tudo diferente.

Eloésio Paulo
(um) Professor

Prisão

você é como um passarinho
inteligente
forte
bonito
mas foi preso, tão novinho
hoje não sabe mais voar
e pior, te encanta por mãos que aprisionam
mãos essas, que te tiram suas belas penas
“é para o seu bem”, elas dizem
pobre passarinho
não sabia que além de voar, podia cantar
além de cantar, podia bailar
noite toda, céu afora
aqui e acolá
que fazes agora, passarinho?
que sentido vais encontrar?

Ana Luisa Silva Marques

Estranhamente
na garganta do diabo
paz silenciosa

Ana Julia da Silva Senario

Gotas nas folhas
silêncio entre pedras
eco de chuva

Ana Julia da Silva Senario

Na embalagem
diz sabor melancia
Não senti sabor

Ana Julia da Silva Senario

Moça ofegante
Os pés não tocam o chão
Ela está pedalando

André Luiz da Silva

Morreu na estrada
Quando a atravessou
Logo vêm os urubus

André Luiz da Silva

Dona Margarida
Perdeu seus cabelos
Bem me quer mal me quer

André Luiz da Silva

Festa de rico
Cinderela sem fada
é empregada

Brendha Thatiane Maia

“Querida, cheguei!”
Abaixo da janela:
guri a fugir

Brendha Thatiane Maia

Pecado feito
Desculpa de patife:
rosa em buquê

Brendha Thatiane Maia

Plantei margaridas,
para o buquê
Carreguei alface no casamento.

Brendha Thatiane Maia

Jéssica, cheddar e Pepino: bastidores

Pobre menina, em plena quarta-feira, nem perto do ponteiro do relógio encontrar o nove. Jéssica escorrega em desencanto. A aula acontece, ocasionalmente, sobre adjetivos, e eu, ministrante do assunto, estou à beira de escorregar oralmente em público, as atribuições que mentalizo sobre essa aluna. Refletindo sobre minha postura, pergunto-me: qual posição mais adequada para observar o passar da adolescência, senão como professora?

Indago genuinamente, Jéssica era um destaque aos meus olhos, agia como as outras meninas, entretanto evidenciava mais conflitos. A pele oleosa, acneica e manchada por depilações constantes.

Todos esses pontos foram observados enquanto os alunos listavam adjetivos em uma atividade. Em instantes defini um título que expressa fielmente minha perspectiva sobre a Jéssica, se a mesma fosse agraciada, por ventura, com um poema. O que não consigo mensurar são os meninos da menina. Embora exclamasse sua vaidade, bem presente nas conversas que divagava em aula e visível pela revista de cosméticos embaixo da mesa, sei que não tem muita afetividade. Presumo que a pobre menina se entregue apenas em momentos confidentes. Eticamente, não posso prolongar minhas percepções, irei sintetizar minhas ideias restringindo a jovem de demais humilhações.

Brian Henrique Lourenço Ferraz



Camila Custódio Galbiatti

não vou justificar — shhh
poema deve ser
transgredido

Camila Custódio Galbiatti

meu maior medo
é que vejam através
deste terceto

lua com olhos
o sol que me espia
não há saída

Camila Custódio Galbiatti

No céu profundo
Estrela cadente passa
Desejos se vão

Cecília Maria de Oliveira

O capim limão
Chá que ameniza o
Gosto azedo

Cecília Maria de Oliveira

Respira lento
Ligaram oxigênio
Estou órfão

Cecília Maria de Oliveira

Estrelas brilham
No manto da noite
Sonhos a guiar

Cecília Maria de Oliveira

Maçã vermelha
A primeira mordida
Não fui eu que dei

Cecília Maria de Oliveira

Buquê de lírios

Os sinos da igreja ecoavam suavemente pelo vilarejo, anunciando o casamento mais esperado dos últimos tempos. Na porta, uma jovem de beleza arrebatadora se preparava para dar seus primeiros passos rumo ao altar. Vestida de branco, com um véu que brilhava à luz do sol, ela segurava um buquê de lírios e respirava fundo para conter as lágrimas que teimavam em brotar. Não queria borrar a maquiagem perfeita. Cada detalhe havia sido pensado com cuidado. Ao transpor o portal da igreja, todos os olhares se voltaram para ela, maravilhados. Os convidados murmuravam sobre a sorte do noivo, um homem gentil e admirado por todos. Quando chegaram as palavras do padre, a igreja mergulhou em silêncio.

– Se alguém tem algo contra este matrimônio, fale agora ou cale-se para sempre.

De repente, um estalo metálico preencheu o espaço. A jovem, com um olhar que os convidados jamais tinham visto, puxou uma arma escondida em meio às rendas de seu vestido de noiva. Sem hesitar, disparou duas vezes. Um tiro atingiu o noivo no peito, e o segundo, seu próprio pai, sentado na primeira fila. O som dos tiros foi seguido por um silêncio mortal, quebrado pelos gritos desesperados dos convidados. O vestido branco rapidamente se tingiu de vermelho, os respingos manchando e escorrendo no tecido como uma ironia cruel. Ela largou o buquê de lírios ao lado dos corpos e, com um olhar gélido e vazio, encarou a multidão horrorizada.

Evellyn Correia Valentim

Á S DE COPAS,
DESTINO
MARCADO,
CORACÕES
SÃO CÂRTAS
EM JOGO
ARRISCADO.



ROMPIDO.
LAÇO
VIRADA E UM
CADA CARTA
TRAÍDO
SÍMBOLO
S DE COPAS,



Evellyn Correia Valentim

O incêndio da biblioteca

Naquela manhã, a cidade acordou com uma notícia preocupante nas páginas de jornal: “Aluno de Letras coloca fogo na biblioteca da Universidade.” O título da notícia fez os corações dispararem e as línguas ferverem. Boatos começaram a se espalhar entre estudantes e docentes, e as suposições borbulhavam em suas cacholas.

Na hora do intervalo, o clima na lanchonete estava tenso. Os alunos se reuniram em pequenos grupos, sussurrando teorias. Alguns diziam que o estudante, conhecido por suas opiniões radicais, havia se deixado levar pela ideia insana de que os livros de linguística não eram tão interessantes e ocupavam um espaço que impossibilitava o investimento nos livros de teoria literária. Outros afirmavam que se tratava de problemas familiares que o haviam levado a um surto.

Enquanto isso, a biblioteca permanecia em silêncio, cercada por faixas de isolamento, os livros carbonizados, servindo como testemunhas do caos que tinha acontecido.

Alfredo, o estudante em questão, ficou em completo silêncio durante toda a manhã. Seus amigos o cercavam, mas ele apenas respondia com olhares vazios. O que realmente aconteceu? As perguntas vinham por todos os lados, mas ele não tinha coragem de revelar a verdade.

Finalmente, chegara a hora da “investigação”. Um professor, ciente do ocorrido, decidiu confrontá-lo. Em um canto da Universidade, o professor se aproximou, com uma expressão furiosa.

- ALFREDO, PRECISAMOS CONVERSAR! O que realmente aconteceu naquela biblioteca?

Com um suspiro profundo, Alfredo baixou a cabeça. Ele se lembrava do que havia ocorrido. Naquele dia, antes de se preparar para passar horas na biblioteca enfiado nos livros de linguística, dos quais não compreendia bulhufas, ele decidiu acender um cigarro, buscando um momento contemplativo antes do tédio metódico. Mas, ao tentar acendê-lo, a chama se espalhou de maneira inesperada. O papel queimou e, num instante, tudo pegou fogo.

Quando Alfredo finalmente decidiu falar, a verdade saiu como um sussurro:

“Eu só queria fumar um cigarro”.

Identities em trânsito

Eduardo caminhava pelas ruas desertas de Igarai quando foi surpreendido por uma jovem alta, esbelta, de cabelos curtos e negros, que aparentava estar confusa.

— Onde é o consultório do Dr. Mathias? — perguntou ela, visivelmente perturbada.

Eduardo, um tanto surpreso, respondeu que não poderia ajudá-la, pois também não sabia onde ficava.

Mais à frente, ele encontrou um rapaz sério, com expressão carrancuda, que o abordou com uma voz grave:

— Onde é o consultório do Dr. Mathias?

Eduardo repetiu a mesma resposta, dizendo que não sabia.

Após caminhar mais um pouco, avistou uma senhora espalhafatosa, mas muito simpática, saindo de uma loja. Ela veio em sua direção gritando, com os braços erguidos:

— Achei o consultório, menino!

A senhora apontou para o outro lado da rua, onde o consultório do Dr. Mathias realmente se encontrava. Eduardo agradeceu e atravessou a rua.

Ao entrar, foi atendido pela secretária, que pediu-lhe para aguardar na sala de espera. Alguns minutos depois, o nome de Eduardo foi chamado.

Ao entrar no consultório, encontrou o Dr. Mathias, um senhor de

cabelos grisalhos e um bigode elegante, simpático, mas com uma presença discreta. O doutor o observou por um momento, antes de perguntar:

— Hoje, quem veio para a consulta? A Dani, o Eduardo ou a Rosinha?

— O Eduardo — respondeu ele, com um olhar vago.

Eterno ensaio do quase

Escrever é um ofício ingrato: ora pedra, ora pluma. Entre o rigor realista da palavra medida e a volúpia romântica do verso que arde, somos todos aprendizes de algo maior. É aí que o haikai sussurra sua lição – três versos, dezessete sílabas, e uma eternidade para interpretá-los. Como o barroco, que esculpia contradições no mármore da língua, ou o romantismo, que vertia paixões em cascatas desordenadas, o haikai ensina: menos é mais.

Mas cuidado! Na busca pela síntese, pode-se tropeçar no vazio. Quem escreve bem não economiza palavras: distribui-as, como quem planta significados em terrenos. E, ao final, não há glória maior do que perceber que o texto perfeito... nunca existirá.

Afinal, escrever possa talvez ser o eterno ensaio do quase.

Refletir,
O oeste é para lá
àl arap è etseo O

O acontecimento

Cheguei à conclusão de que o mundo é um completo desabamento. Que a minha vida cotidianamente repetitiva e cíclica parece derreter diante de meus olhos enquanto percebo a presença de um ipê amarelo em minha frente: grande, nítido, iluminado pelas luzes noturnas, florido e levemente inclinado para o lado direito. Parecia que aquele grande ipê amarelo me olhava cinicamente, zombando da minha própria ignorância, da minha maneira de movimentar os braços e as pernas, do meu egoísmo e da minha não esperteza diante do mundo em desabamento – eu pensava ser alguma coisa que na realidade não era. Quem eu era, então? O ipê continuava me olhando e eu o encarava com um profundo desamparo, uma falta dentro do corpo que parecia não ter começo nem fim: era uma falta de significância que eu quase não poderia explicar se não fosse pela presença firme e inquietante do grande ipê. Ele era o meu próprio desabamento diante do mundo. A minha queda diante de uma crise em que me desloco entre o tudo e o nada. Eu sou o tudo e o nada? Todas as minhas escolhas até o grande acontecimento do ipê eram banais, rasas, ordinárias demais. Tudo o que me aconteceu depois dele foi violento e desconcertante: dei de cara com o mundo. Enquanto eu ainda continuava penetrada pelo acontecimento do ipê, minhas pernas pareciam perder as forças e a minha voz parecia sufocada por um profundo abafamento. Meus olhos pareciam adentrar uma cegueira inteiramente amarela e iluminada, enquanto eu podia sentir que o meu corpo inteiro se movimentava a uma lenta queda ao chão: diretamente do lado direito, especificamente diante de um amontoado de carros que iluminavam a noite com seus faróis noturnos e suas buzinas dissonantes aconchegando carinhosamente e freneticamente meus ouvidos a um calmo e delicioso sono profundo.

Júlia Aparecida Dias Ramos

Sem Corpo, Sem Crime

Na pacata cidade à beira do lago, as quintas-feiras eram rituais imutáveis. Às sete em ponto, Carol e Bella se encontravam no mesmo bar, sempre na mesa junto à janela, de onde podiam observar a rua deserta sob a luz amarelada dos postes. Dividiam uma garrafa de vinho, histórias inconfessáveis e uma cumplicidade silenciosa que vinha de anos de amizade.

Mas naquela quinta-feira, algo na presença de Carol parecia diferente. Ela sentou-se

devagar, o olhar distante e a testa franzida, como se algo estivesse pesando em seus pensamentos. Bella percebeu de imediato.

— O que houve? — perguntou, com a naturalidade de quem conhece todos os tons de silêncio da amiga.

Carol suspirou e murmurou, quase sem levantar os olhos:

— Acho que ele está me traindo.

Bella inclinou-se para frente, surpresa, mas sem interrompê-la. Carol continuou, a voz agora mais firme, como se falasse para si mesma:

— Ele está sempre inventando desculpas, os horários não batem... E ontem... — ela fez uma pausa, respirando fundo —, o carro dele estava com cheiro de perfume. Não o meu perfume.

Bella ficou em silêncio, deixando que Carol desabafasse, sabendo que as palavras não precisavam de uma resposta imediata. Mas Carol endureceu o tom, encarando a amiga com olhos determinados:

— Hoje vou perguntar. Ele não vai conseguir mentir.

Quando se despediram, Bella tentou convencê-la a não agir por impulso. Mas Carol era obstinada.

Na quinta-feira seguinte, Carol não apareceu.

Bella esperou, desconfortável com a ausência da amiga. Uma taça de vinho se transformou em duas, depois em três, mas Carol nunca chegou. No dia seguinte, Bella foi à casa dela. As janelas estavam fechadas, as luzes apagadas, e ninguém atendeu à porta. Carol também não foi vista no trabalho nem em qualquer outro lugar.

A cidade, sempre pronta para transformar mistérios em fofocas, começou a comentar.

Dias depois, Bella viu algo que a fez gelar. Roberto, o marido de Carol, estacionou sua velha caminhonete no mercado. Ele desceu com a expressão tranquila de sempre, mas Bella não conseguia tirar os olhos dos pneus cobertos de lama seca e do para-choque manchado. O cheiro azedo da desconfiança cresceu no ar.

Pouco tempo depois, o escândalo quebrou o silêncio: a garçonete do sorriso fácil — aquela que Carol mencionara naquela última noite — mudou-se para a casa de Roberto. Bella a viu pela primeira vez pendurando roupas no varal, como se sempre tivesse pertencido àquele lugar.

A raiva de Bella queimava, feroz e incontrolável. A traição era insuportável, mas ainda pior era a impotência. Não havia provas. Não havia corpo. Não havia crime.

Só que Bella não era do tipo que aceitava injustiças. Desde pequena, seu pai a ensinara a remar pelos labirintos escuros do lago e a navegar no silêncio das águas. Os anos limpando casas também haviam lhe dado um talento peculiar: sabia como apagar vestígios, como fazer desaparecer tudo o que não deveria ser encontrado.

Naquela noite, o lago parecia mais escuro do que o habitual, com a lua encoberta por uma camada de nuvens. Bella, no entanto, sabia que escuridão também era aliada. Roberto foi visto pela última vez saindo do bar, cambaleante e distraído, sem perceber que alguém o observava.

Depois disso, ele desapareceu.

A polícia chegou à casa dias depois, mas encontrou apenas a garçonete. Nervosa e desconcertada, ela explicou que haviam discutido antes de ele sair e não voltar. A cidade, com sua inclinação para julgamentos rápidos, logo a apontou como a principal suspeita. “Conveniente demais”, diziam.

A garçonete, porém, sabia a verdade. Sempre que cruzava com Bella na rua, seus olhos a seguiam com uma certeza amarga. Mas, sem nada a sustentar sua acusação, era obrigada a se calar.

Bella, por sua vez, seguia sua vida como se nada houvesse mudado. Todas as quintas, ainda ia ao bar. Sentava-se na mesma mesa, pedia a mesma garrafa de vinho e observava a rua deserta através da janela, como se esperasse por algo que ninguém mais conseguia enxergar.

E o lago, eterno guardião de segredos, continuava em silêncio.

Afinal, sem corpo, sem crime.



Lavinia Ferreira Agripino

Killing me

Isso está me matando. Seus traços permanecem e me torturam. O modo como você sorria, o modo como você me olhava, o modo como você alegrava minha vida todos os dias. Tudo isso está me matando. Fui eu que me afastei de você, deixando-a sozinha na imensidão, mas por que me sinto tão solitário?

Os meus dias eram mais felizes com você ao meu lado, o meu universo fazia sentido quando você estava comigo. Agora sem você é como se a engrenagem que mantinha meu mundo girando, que mantinha meu coração batendo, que mantinha o ar em meus pulmões, simplesmente desaparecesse.

Olho para o sujeito que está largado numa mesa suja, com uma garrafa de uma bebida qualquer em uma das mãos, todo sujo e maltrapilho. Eu sou o sujeito. Irônico, não? Há apenas alguns dias, eu me vestia bem, tirava notas altas na faculdade, namorava uma garota bonita e gentil. Eu tinha uma vida praticamente perfeita. Mas aí, como um furacão, você apareceu e se foi, levando tudo que eu tinha. Levando minha vida perfeita. Eu quero te culpar, por tudo. Por estragar minha vida depois da sua ida. Mas eu não posso por um único motivo: eu sei que a culpa é minha. Lembra-se do jeito que você me fazia sentir? Um amor tão puro, tão sincero e tão verdadeiro. Mas, agora, este amor é algo congelado em minha cabeça. Eu sei que está lá, que ele existiu, mas não consigo mais o sentir. É como se eu me afundasse cada vez mais na areia movediça chamada pensamentos, me lembrando de tudo que passamos.

Estou vivendo através de fotos agora, tentando louca e incansavelmente me lembrar de todos os bons momentos. Nossa vida foi se separando, tão de repente. Como se fôssemos funcionários públicos que iam juntos ao trabalho todos os dias, saíam no tempo livre, mas após uma briga por algum motivo banal, se afastaram e depois de um tempo se tornaram estranhos uns para os outros.

Memórias estão brincando em minha mente estúpida, me fazendo sorrir com os pensamentos. Será que há alguém que segure minha mão? Será que há alguém que possa ser minha luz, em meio a esse túnel sem cor, nem forma? As nuvens brancas de pensamentos escondem o meu sorriso, em meu rosto nublado, avisando que uma chuva de lágrimas logo vem por aí. Mais uma vez. A Felipelândia está um caos. O habitante alegria se foi com você e nunca mais voltou. A tristeza está mais "alegre" que o normal, afinal, agora há espaço de sobra para ela aparecer em meu rosto. Escondo a tristeza em uma máscara quando há pessoas por perto, disfarçando a desgraça que está minha vida.

Uma mosca muito peculiar, dos olhos vermelhos, pousou ao meu lado, no meu ombro, enquanto eu observava a vista pela janela, e me disse:

— Você está um caco, Felipe. Por que ainda vive? . É oficial. Eu estou ficando louco.

— Estou falando com você, Felipe. Me responda.

— Sinceramente? Nem eu sei mais. — Respondi e baixei a cabeça. E com um sorriso diabólico, a mosca me entregou uma faca e eu a olhei fixamente.

— Já que não tem motivos, por que ainda vives? Não faz sentido. Sobreviver não é bom para ninguém. Acabe com sua dor você mesmo. - Ela disse sorrindo.

Eu olhei para a mosca e depois para a faca, para a mosca e para a faca, mosca e faca. Repeti esse trajeto milhares de vezes até que suspirei e agarrei a faca com uma das mãos. Fiquei a observando por alguns minutos, respirei fundo e a coloquei sobre meu peito. Eu preciso... preciso ir.

— Não, você não precisa.

Uma pomba apareceu de repente, tirou a faca da minha mão com o bico e a lançou da janela abaixo. E então, cheia de fúria e pavor, a mosca voou janela afora, desaparecendo na poluição do ar.

- Por que fez aquilo? Por que ouviu a mosca? - a pomba disse

com raiva

- Porque ela tem razão. Eu não tenho mais nenhum motivo para viver.

A pomba suspirou.

- A vida é uma escolha. Toda vida tem um sentido. Se não, qual seria a graça da vida? Um monte de células tentando sobreviver que, no final de tudo, vão fracassar. Você tem uma escolha em suas mãos. - E então, a pomba saiu janela afora me deixando sozinho com um desconhecido que, ao mesmo tempo, eu conhecia muito bem: eu mesmo.

Fiquei pensando no que a pomba disse e então me pus a caminho de meu trabalho. Turbilhões de pensamentos me atacaram, todos negativos, me apoiando a continuar no fracasso, a insistir no erro. Esses pensamentos estão me matando. Todos os dias. Incansável e lentamente.

E então, de repente, como se fosse o personagem de uma história em quadrinhos, um homem, coberto de luz e glória, veio e me abraçou. Seus olhos ardiam como fogo, seus cabelos eram brancos como a mais pura neve, seu sorriso o mais puro possível. Quem era ele? Ele veio até mim, abriu um sorriso encantador e disse:

— Por que se perturbas tanto, filho? Eu estava lá. Eu era a sua salvação. Eu era aquela luz que você pedia incansavelmente de volta. Sua mãe se foi, mas eu sempre estive ao seu lado. Todos os dias, todas as horas, todos os minutos e todos os segundos desde antes do ventre de sua mãe. Eu te amo, filho. Eu sou seu pai, seu amigo. Eu sou tudo o que você precisa. Você tem um lindo propósito, uma linda vida. Vai desistir dela tão fácil assim?" E foi neste momento que desabei. Percebi qual o significado da vida. Qual o sentido da vida humana, o sentido de você ter ido embora.

Mãe, agora eu te agradeço por me deixar. Eu precisei disso para poder descobrir o melhor amor que alguém poderia sentir ou receber, o amor de Deus, o meu pai.

Leticia dos Santos Moya Leao

Fragmentos do Cotidiano

São pedaços do dia espalhados,
como folhas secas ao vento.
A rotina é um eco distante,
mas o que nos resta é o instante.
Entre olhares cruzados e passos apressados,
criam-se histórias que ninguém conta.
Os corpos vivem, mas não sentem,
como se a vida fosse apenas uma tinta
que escorre nas margens do calendário.
Não sei mais onde começa a noite,
nem onde termina o silêncio.
Talvez tudo seja só isso:
um fragmento, um suspiro perdido
que a gente tenta prender,
mas escapa como o ar.

Lilian Oliveira

Desapego

As coisas desaparecem.
Primeiro as lembranças, depois os objetos,
a roupa que não se usa, o gosto da memória.
Ficamos com o eco de quem fomos,
como se nossos passos tivessem sido apagados
pelo vento que varre o deserto.
Não há sentido em guardar o que já não faz parte
de quem sou,
mas me pego ainda
olhando para os cantos vazios da casa
que outrora era cheia de riso e de susto.
Quem somos nós, se não as nossas ausências?
Desapego é uma palavra difícil,
que se aprende no silêncio da alma.
Porque o que é nosso nunca se perde,
apenas se transforma, como as flores que caem e crescem de novo
no tempo que não espera.

Lilian Oliveira

A Cidade e a Solidão

A cidade pulsa, mas em seus becos, naquelas ruas tortuosas e sujas, a solidão se transforma em forma. Ela se disfarça em rostos anônimos que cruzam apressados, com passos que parecem fugir de algo que nunca se pode ver, mas é sempre sentido. É como se, a cada esquina, a vida se desfizesse e se reconstruísse em um eterno movimento, sem pausas.

Sento-me em um banco, observando tudo de longe. Vejo pessoas que falam ao celular, gesticulam, riem, mas seus olhos não se encontram. O tempo corre, mas ninguém parece viver nele. Há um vazio no ar que não é facilmente explicado. O concreto das avenidas parece absorver tudo, inclusive a vontade de se conectar. Somos parte de uma engrenagem, mas ainda assim, o ruído da máquina não consegue abafar os sussurros internos. Por mais que a cidade grite, a solidão nunca é surda.

O retorno ao interior

Voltar ao interior é sempre um choque de realidades. O que se deixou para trás está impregnado no ar, nas árvores que, por mais que se olhe, continuam a crescer na mesma direção. Mas há algo de diferente. O campo, com sua calma eterna, traz uma nostalgia que não se sabe nomear. As casas parecem pequenas, mas grandes em lembranças. O cheiro de terra molhada invade o peito, e a vista parece parar, como se o tempo tivesse tirado férias por aqui.

Aqui, o silêncio tem um peso diferente. Ele não é vazio, mas sim recheado de histórias que não precisam ser ditas. As pessoas, simples no falar, têm em seus olhos um brilho que se perdeu nas grandes cidades. Talvez seja o reflexo de uma vida mais próxima do chão, onde o ritmo não se mede em segundos, mas em gestos, e a pressa é uma palavra que não se usa.

O interior nunca deixa de ser o lugar para onde voltamos, não por necessidade, mas por vontade. Porque, no fim das contas, as raízes são mais profundas do que a gente imagina, e elas nos chamam, mesmo quando não queremos ouvir.

Penumbra

B M
E A
M L
M B
A E
L M
B M
E A
M L
M B
A E
L M

Sombra, luz
Bem, mal
Posições oposta
Em uma mesma tela.

SOMBRA

LUZ

Em cada brilho,
há um véu de escuridão,
Em cada sombra,
um vislumbre de clarão.

Lívia Guedes Sales

A breve história de Antenor

Sempre que surgia a oportunidade, papai fazia questão de contar, em detalhes, como aquela cratera enorme surgiu no meio da pracinha do centro. Sempre desconfiei da veracidade dessa história, de tão absurda que ela é. Só não afirmo com certeza que é invenção de papai porque a dona Terezinha, uma das pessoas mais idôneas dessa cidade, jura de pé junto que a história é verdadeira e que ela também presenciou o surgimento da cratera.

Tudo aconteceu na época em que Curralinho estava deixando de ser um vilarejo pacato para se tornar uma cidadezinha pacata. Alguns forasteiros atraíram-se pela promessa de riqueza que Curralinho trazia devido a abundância de ametistas azul-cerúleas, uma variedade muito rara e muito cobiçada de ametista. A maioria dos homens da cidade trabalhavam na mineração; os que não levavam jeito pra coisa iam ser comerciantes e esse era o caso do Antenor.

Herdeiro de uma pequena fortuna e dono de um gênio insuportável, Antenor era dono da única loja de detonadores de minas da região, o que garantia uma clientela fiel, mas muito insatisfeita. O problema não era com os detonadores em si, que supriam muito bem a necessidade dos mineradores, mas com o próprio Antenor. Dizem que a cada dia ele vendia os detonadores por um preço diferente, a depender de seu bom humor ou de quem estava comprando.

Dona Terezinha diz que essa situação durou uns 10 anos; o marido dela foi minerador e, supostamente, vivia em pé de guerra com Antenor desde a adolescência. De fato, todos os “antigos” da cidade confirmam que Antenor era brigão e que até prefeito tentou ser (mas bebeu demais nas vésperas da eleição e não conseguiu votar, sendo o primeiro candidato da região a totalizar zero voto).

Com a chegada dos forasteiros, não demorou muito até que alguém resolvesse abrir uma nova loja de detonadores. Uma família de japoneses, que já possuía uma loja de explosivos em

São Paulo, resolveu vir para Currallinho tentar a sorte. Bastou que abrissem as portas para que a clientela de Antenor migrasse para a nova loja. Os detonadores japoneses eram mais baratos, mais potentes e ainda havia o bônus de não precisar mais lidar nem com Antenor, nem com sua roleta russa de preços.

Obviamente, Antenor não lidou muito bem com a ideia de ter uma concorrência. Como seus detonadores eram de fabricação própria, ele decidiu que era hora de melhorar sua receita clássica e criar detonadores ainda mais potentes que os dos japoneses.

Durante 6 meses, ele testou mais de 100 receitas diferentes. Perdeu 4 dedos ao longo do processo, três na mão esquerda e um na mão direita. Nos testes da centésima receita, uma lasquinha de pedra acertou seu olho direito; não chegou ao ponto de cegar, mas prejudicou consideravelmente sua visão. Para ele, valeu a pena, já que considerava ter encontrado a receita perfeita.

Nomeou os novos detonadores de Detonadores Hiroshima, como uma provocação para seus concorrentes japoneses. A estreia dos detonadores seria marcada por uma pequena festa na pracinha da cidade, com um suposto show pirotécnico, explosões e cerveja à vontade. Os currallinhenses foram facilmente convencidos pela promessa de cerveja à vontade e confirmaram presença.

No dia marcado, Antenor posicionou estrategicamente um detonador no centro da praça, com a potência equivalente a 3 Hiroshimas. Seu plano era bem mais diabólico que os currallinhenses imaginavam; pelos seus cálculos, se ele detonasse Hiroshima exatamente no centro da praça, o raio de destruição provocado pela explosão seria grande o suficiente para atingir a loja dos seus concorrentes.

Como o que lhe sobrava em crueldade, lhe faltava em inteligência, Antenor desandou a beber em uma comemoração antecipada pela derrocada de seus concorrentes. Na hora combinada, ele caminhou até o detonador, apertou o botão e se afastou correndo, procurando o melhor lugar para assistir a desgraça de seus inimigos.

A cidade quase inteira estava reunida para assistir à demonstração dos detonadores; em partes, porque todos já imaginavam que daí

viria alguma situação desastrosa, como já era típico de Antenor. Dona Terezinha diz que viu tudo da porta da igreja, enquanto esperava aquela zorra acabar para o padre começar a missa; papai diz que estava bem do lado de Antenor e que ele até deu um tapinha em suas costas, dizendo “Olha aí, moleque, hoje você está presenciando parte da história do mundo sendo escrita!”.

A princípio, nada aconteceu. Depois de 2 minutos sem nenhum vestígio de explosão, Antenor foi novamente até o detonador, andou em volta dele, mexeu nos fios, sacudiu, reposicionou... Aos poucos iniciou-se um rumor tímido de risadas pela multidão, que logo virou uma explosão alta de gargalhadas e achincalhões direcionadas a Antenor. Ele, vermelho de raiva e de vergonha, não entendia o que tinha acontecido com sua explosão tão promissora. Quando a multidão começou a dispersar, Antenor percebeu que era hora de desistir da bomba e ir para casa, “Se não explodiu nos primeiros 10 segundos, não vai explodir mais” – pensou. Acontece que ele estava tão bêbado na hora de organizar a “estreia”, que configurou o detonador para explodir em 10 minutos, em vez de 10 segundos.

Com o detonador nos braços e a vergonha na alma, Antenor conseguiu dar dois passos até que Hiroshima finalmente explodiu. Dona Terezinha conta que deu um grito e na hora escondeu o rosto, evitando ver aquela mistura grotesca de fumaça, sangue e carne de Antenor. Já Papai jura de pés juntos que o olho direito de Antenor voou e bateu bem em sua testa. A explosão foi tão forte, que abriu a famosa cratera da pracinha do centro.

Sempre que acabava de contar, papai dava uma risada e dizia “É, e não é que o Antenor estava certo? Vi mesmo parte da história do mundo sendo escrita...”. Mesmo depois de tanto tempo, não sei dizer se essa história é verdadeira ou não. Se é verdadeira, dou glórias que Antenor não teve tempo de transmitir o legado de sua burrice a alguém.

As lavadeiras

O raio de sol desperta o maquinário das lavadeiras.
As bacias aprisionam tecidos em tons aéreos.

Corriqueiras, as lavadeiras – íntimas desconhecidas –
toda manhã eliminam, com vigor, impurezas.

O mar escapa por entre os dedos em pingos límpidos.

As lavadeiras, sob a alba, descartam as imundícies mundanas.

O rio – despenhadeiro de angústias – carrega farrapos
animalescos.

O escarlate em profusão. O coração a fluir...

Libertas dos tecidos mortos de seus
piores inimigos – transformados, para sempre, em

mar
aberto

Maisanara Fonseca da Silva

TELEFONE

Trim! Trim! Toca o telefone, que mais parece uma oração dominical, é um relógio, toda todos os dias no mesmo horário.

- Alô? De novo você? Um pica-pau na minha cabeça, todos os dias. Haja analgésico! Já falei que não vendo lâmpadas, você errou o número mais uma vez. Não me venha com ferraduras, pegue sua grosseria e esqueça meu número. Passar bem!

Olhei pela janela, um pé de Ipê e suas lâmpadas brilhantes abrindo-se, fizeram-me pensar no tempo, este ovo que se quebra ao mínimo encosto. Hoje é meu aniversário, e, apesar de estar velho, ainda não estou presunto.

Tenho um trauma de infância: os pássaros sempre gotejavam suas necessidades em mim, como se me dissessem que todo carinho que recebesse, seria um castigo. E, assim, eu fiquei sozinho a vida inteira, catando estrelas no meu arroz do dia-a-dia. Para contar da minha má sorte, um dia, voltando do teatro, onde vi pessoas como cactos, liberando seus espinhos em um drama contemporâneo, à espreita, sem que eu visse, surgiu da escuridão, um policial, silencioso na noite, tal qual um morcego e me aplicou uma multa por estar sem cinto de segurança. Que segurança preciso se até a Coca-Cola® que bebo desce na garganta como dente-de-alho?

Quer saber mais? Não atendo mais este telefone que toca todos os dias, cansei! Agora serei como um navio encalhado sob uma árvore, apenas observando esse cavalo chamado tempo que passa como um cometa.

O desaparecimento do dinheiro da dentadura nova da vovó

Estava aqui lembrando daquele ocorrido do ano passado, quando a vovó arrumou toda aquela confusão só por causa do desaparecimento do dinheiro que ela queria investir na dentadura nova. Logo depois que o nosso querido Totó enterrou a antiga sabe-se lá Deus onde.

Como a vovó é muito rancorosa, é claro que ela não perdoou o Totó. O coitadinho foi levado para um abrigo de animais no dia seguinte, mas que surpresa — a dela — quando, passada uma semana sem Totó, as coisas continuaram a desaparecer misteriosamente lá de casa.

Foi, então, a vez das economias para a dentadura nova. Quem levou a culpa desta vez? É claro que foi quem arruma a casa dela aos fins de semana, ou seja, eu. Já falei para ela várias vezes: “Não é uma boa ideia guardar dinheiro dentro do armário de guloseimas, vovó! Muito menos uma dentadura!”. Mas... Ela nunca me ouve.

Vovó me xingou, me chamou de ladra (e de coisa muito pior). Só faltou mesmo eu ser expulsa de casa. Mamãe ficou horrorizada.

Mais uma semana se passou e surpresa: encontramos um rato. A casa precisou ser dedetizada e revistada na mesma semana. Surpresa dois: uma colônia de ratos inteira foi encontrada, estavam vivendo em cima do forro da cozinha (o local dos furtos). De repente surge um plot twist (digno dos filmes de Hollywood, eu diria): encontraram todos os pertences da vovó (os quais haviam sido, supostamente, enterrados e/ou roubados) com esses roedores.

Dentadura e dinheiro devolvidos, logo, vamos trazer o inocente e injustiçado Totó de volta!

A comprovação de uma verdade universal: a vovó é má, muito má! O Totó não foi levado para o abrigo de animais, na verdade

ela o entregou para os homens da carrocinha. Isso significa que ele virou “ração” no mesmo dia. Por causa disso fiquei vários meses sem falar com ela, mas, no fim das contas, acabei perdendo. Fazer o que? O Totó também não era lá um cachorro tão bonzinho assim, comendo todas aquelas galinhas dos vizinhos (a cada semana uma nova reclamação).

No entanto, mesmo perdendo a vovó, senti que precisava me vingar de alguma maneira e foi o que fiz. Depois do ocorrido, eu mesma peguei o dinheiro e o usei para comprar um Lulu da Pomerânia (o mais caro que encontrei).

Ainda sinto muita falta do Totó. O Lulu não é uma boa companhia. É um cãozinho cheio de frescuras e dá muitos gastos com o Pet Shop. Bom mesmo é ter uma vira-lata (como o Totó)!

Katie Mansfield, Morris Chestnut

Café quente e forte em uma manhã gelada, poucas coisas são melhores do que isso. eu deveria ligar para minha mãe, depois de meses ela deve estar preocupada, como se tivesse algo a se preocupar aqui no meio do mato, essa noite eu tive certeza que estava acompanhada, aquele fantasma um dia vai me matar, eu vou gostar, deveria escrever como cheguei até aqui, clichê demais e se eu escrever sobre adolescência, todo mundo já escreveu, o café me deixou agitada e chamou o cigarro. aqui tudo é tão calmo, esse pé de manga é lindo, todo sítio tem um, eu deveria escrever sobre adolescência mesmo, não, eu consigo mais, ou consigo menos? a adolescência já se foi natércia, vou ler algo. dalton trevisan. retrato de Katie Mansfield. pode ser isso.

Como fazer isso de forma diferente? como ser diferente depois de anos de literatura? vou escrever só o que me vem a cabeça mesmo, as fadas são lindas, queria acreditar que estão aqui, comigo, vão me livrar do fantasma do quarto, é pode ser isso, fadas... Zaíra, nome engraçado, pode ser Zaíra, Zaíra acreditaria em fadas, medicina alternativa, aura, horóscopo, veganismo, terapia. eu deveria fazer terapia, deveria acreditar em alguma coisa, deveria ser mais feliz, deveria não procurar meu pai em cada homem ou garrafa que eu chego ao fim, deveria pensar um pouco como teodoro e sampaio, ruela do eno, é engraçado, como sou estúpida.

Zaíra, separou do marido, precisa de camomila valeriana óleos essenciais tarot massagem aromatizante incenso tofu, talvez eu também precise, vou arrumar um hidratante de lavanda para dormir melhor, junto com a cachaça na garrafa pet que eu comprei vão me derrubar, é vai ser zaíra, esse caderno cheio de flores parece apropriado, cadê minha caneta cheio de fru-fru, zaíra vai sair da minha cabeça, talvez ela ainda deseje o marido, posso pensar em um marido gostoso para zaíra, um marido gostoso que vai

ficar guardado apenas para mim, Morris Chestnut, vou reassistir anaconda, aquele homem me libera pensamentos fluídos demais, é isso, zaíra sonha com o marido.

Conserva

O quarto de Lee era o refúgio perfeito para se esconder do mundo. Aos 32, ainda morava com a mãe, mas estava sempre ocupada com seu trabalho como barwoman numa casa de eventos do bairro. Ela gostava de criar drinques novos, inventando misturas que só ela sabia fazer. Às vezes, até tomava uns goles escondidos, mais para escapar um pouco da realidade do que por qualquer outra coisa.

Numa dessas noites, de folga, Lee decidiu sair para curtir. Ela tinha reparado em um cara que frequentava a boate onde trabalhava — um tal de Herb, um pouco mais velho, que sempre aparecia com uma mulher diferente. Era intrigante. Por que ele troca tanto de companhia? Havia algo nele que chamava sua atenção.

Quando Lee o viu naquela noite, ele estava vestido com um terno elegante e tênis, um jeito casual que combinava com o ar misterioso que ele tinha. Ela não resistiu e foi puxar conversa. Em poucos minutos, estavam rindo e falando de tudo — filmes, músicas, histórias malucas. Herb mencionou que tinha uma coleção em casa e disse que estudava biologia, capturando espécies diferentes como “hobby”.

Curte colecionar o quê?

Tudo que me interessa. Ele falava como quem descreve o cardápio de um restaurante. Era estranho, mas fascinante.

Depois de algumas taças de Bloody Mary, os dois já estavam bem à vontade. A casa era diferente do que ela esperava: paredes escuras, poucos móveis, tudo muito organizado. Havia um silêncio estranho no ar. Eles se sentaram e beberam mais. Herb começou a falar sobre sua fascinação por cores, especialmente o vermelho.

O vermelho tem uma energia única, você não acha?

Lee apenas riu, achando aquilo poético demais para seu gosto. O

álcool parecia mais forte, e sua visão começou a ficar turva. Tentou se levantar, sem sucesso.

Calma, você bebeu demais, já pegando-a pelo braço e ajudando-a a andar.

Antes que pudesse protestar, ele a levou até o sótão. Lá, ela viu uma prateleira com cabeças de animais, todos olhando fixamente para ela.

Três geladeiras. Pareciam pesadas. Mas estava muito cansada para se importar.

Deite ali. Pode dormir.

Viu as marcas em sua pele.

Mulheres já vistas com Herb. Todas presentes. Ela mal teve tempo de gritar, e o frio a envolveu por completo.

Colofão

Obra produzida no segundo semestre de 2024 durante a aula de Escrita Criativa. O projeto possui fontes Calibri e OLDNEWSPAPERTYPES.

FOI O QUE SAIU!

**Escrita Criativa
2024/2**